REVISTA COMCIÊNCIA
ISSN 2595-1890 [Online] – ISSN 1807-0124 [Impresso]

# "EU ESCOLHO QUEM EMBALA MEU SONO": CURRÍCULO PRATICADO COM BEBÊS

"I CHOOSE WHO CRADLES MY SLEEP": CURRICULUM PRACTICED WITH BABIES

Andreina Mariana Pereira dos Santos[a,*]
ORCID: 0009-0005-7357-8860
Jamille Pereira Pimentel dos Santos[b]
ORCID: 0000-0003-2235-9631
Marlene Oliveira dos Santos[b]
ORCID: 0000-0002-5894-1298

[a] Secretaria Municipal de Educação (SEMED) - Uberaba, MG, Brasil
[b] Universidade Federal da Bahia (UFBA) - Salvador, BA, Brasil
[*]Autor de correspondência: Andreina M. P. dos Santos - Email:amarianaps017@gmail.com

**RESUMO:**
A pesquisa buscou compreender as interações professora-bebê e suas implicações no currículo praticado na creche. Para tanto, guiou-se pelos pressupostos teóricos e conceituais de currículo praticado formulado por Santos (2024). No intuito de analisar metodologicamente o contexto institucional de uma turma de bebês, foram construídas narrativas do cotidiano (Silva, 2024) a partir de observação participante, fotografias e registros no diário de campo. Com isso, buscou-se responder à seguinte problemática: Como as interações professora-bebê movimenta o currículo da creche? Desse modo, a presente pesquisa se ancora nos pressupostos de que o cuidar/educar é um ato constitutivo da docência com bebês (Silva, 2021) pois todos os elementos das ações pedagógicas observadas se sustentam nesse pressuposto. A análise das relações construídas nas interações evidencia como são construídos os sentidos das situações sociais vivenciadas com o outro, nesse caso, entre as professoras, os bebês e seus pares (Silva, 2021; Ribeiro, 2022). Assim, o currículo praticado se torna um articulador da interface entre cuidar/educar, entre interagir/brincar. A pesquisa revelou a necessidade de ações docentes que permitam aos bebês o movimento, a exploração e a descoberta, compreendendo que o afeto e o acolhimento se constituem elementos educativos indispensáveis nessa ação pedagógica, pois o modo como apresentamos o mundo aos bebês, educa-os.
**Palavras-chave:** currículo praticado; docência com bebês; narrativas do cotidiano.

**ABSTRACT:**
This research sought to understand teacher-baby interactions and their implications for the curriculum practiced in daycare centers. To this end, it was guided by the concept of practiced curriculum formulated by Santos (2024). In order to methodologically analyze the institutional context of a baby class, daily narratives were constructed (Silva, 2024) based on participant observation, photographs, and field diary records. Thus, we sought to answer the following question: How do teacher-baby interactions drive the daycare curriculum? Accordingly, this research is anchored in the assumption that caring is a constitutive act of teaching babies (Silva, 2021), as all elements of the observed pedagogical actions were based on this premise. The analysis of the relationships built in the interactions shows how the meanings of social situations experienced with others are constructed, in this case, between teachers, babies, and their peers


**Submetido:** 22 de ago. 2025 **Aceito:** 19 de mai. 2026 **Publicado:** 14 de jul. 2026

(Silva, 2021; Ribeiro, 2022). Thus, the practiced curriculum becomes an articulator of the interface between caring and educating, between interacting and playing. The research revealed the need for teaching actions that allow babies movement, exploration, and discovery, understanding that affection and welcoming are indispensable educational elements in this pedagogical action, as the way we present the world to babies educates them.
**Keywords**: practiced curriculum; teaching babies; daily narratives.

## O abraço inicial...

***DESCOBRINDO O QUIABO***

Quando adentrei à sala referência da turma de bebês, percebi que estavam todos sob o tatame, sentados em roda. Uma roda que consistia em alguns bebês no colo da docente e os outros ao seu redor.
Ao adentrar naquele ambiente, a coordenadora da EMEI me apresentou aos que ali estavam e lhes perguntei se podia permanecer por mais um tempo na sala, solicitação que foi acolhida pela professora.
Desse modo, sentei-me em uma cadeira disponível num canto da sala e comecei a cantarolar a música que estava sendo reproduzida na caixa de som. Nesse momento, duas bebês que estavam na roda se levantaram e vieram para próximo de mim. Eu os abracei e me apresentei, perguntando seus nomes. Nesse momento, a professora se aproxima e me diz sobre uma das bebês:

*- Ela gosta de ficar perto de nós, gosta de carinho e afeto.*

Aos poucos, outros bebês se aproximaram solicitando esse afeto, enquanto alguns permaneceram sentados na roda, interagindo pouco, mas observando a conversa e aquela pessoa estranha presente na sala.
A professora retirou as roupas dos bebês, deixando-os de fralda e nos convidou para o solário. Lá fora, elas organizaram um contexto de experiência com a temática do quiabo. Para tanto, o ambiente foi preparado da seguinte forma: haviam quiabos posicionados encima de uma caixa de madeira, outros dispostos ao lado, alguns cortados dentro de bacias com água e algumas folhagens. A intenção pedagógica com esse contexto se deu porque os bebês estavam explorando diferentes verduras, frutas, folhagens e leguminosas, uma vez que demonstravam resistência em se alimentar com legumes.
Antes de convidá-los à brincadeira e a exploração, as docentes me relataram algumas questões que seriam observadas, a saber: se os bebês iriam comer, se perceberiam os caroços presentes na fruta, se iriam gostar ou rejeitar a textura, se iriam experimentar ou não o sabor do quiabo e como seria o contato deles com a baba, algo tão característico da fruta.
Assim, nos dirigirmos ao solário e lá chegando, os bebês foram convidados à brincadeira. Observei que alguns apenas olharam sem tocar, enquanto outros se arriscavam na experimentação. Pelo movimento das mãos, percebíamos a surpresa que demonstravam pela textura nunca antes experimentada. Percebi que nenhum bebê experimentou o sabor, nenhuma vez a fruta foi levada à boca.

**Figura 1 -** Descobrindo o quiabo

**Fonte**: acervo pessoal das pesquisadoras (2024).

Ao observar o modo receoso como eles se aproximavam daquela materialidade, as professoras conversavam, se posicionaram próximo, incentivando, encorajando-os, todavia, elas não interviram e, após a resistência de

alguns, elas os incentivavam pegando no quiabo, na baba, mostrando que se tratava de uma materialidade passível de ser manipulada.
Ao final, deixaram a vasilha disponível por mais um tempo. Depois disso, retornamos para sala e aguardei junto com eles o momento do banho.
Ali, fiquei me perguntado: Qual o currículo praticado com esses bebês? Como as interações estabelecidas entre professoras-bebês movimentam esse currículo? Que currículo é esse?
Acervo pessoal das pesquisadoras, maio de 2024.

À vista das inquietações que emergem da narrativa do cotidiano *Descobrindo o quiabo* lançamo-nos no desafio de buscar compreender as interações professora-bebê e suas implicações no currículo praticado na creche. Esse é o objetivo central das reflexões contidas nas discussões aqui propostas. No intuito de analisar metodologicamente o cotidiano de uma turma de bebês, realizamos observação participante e construímos narrativas do cotidiano (Silva, 2024) a partir da observação, de fotografias e de registros no diário de campo[1].

Conceitualmente, as narrativas do cotidiano são compreendidas como

> uma opção teórico-metodológica construída nas pesquisas do Observatório da Infância e Educação Infantil (ObEI/UNEB), com o objetivo de narrar as vivências das crianças com professoras, professores e demais profissionais das escolas. Trata-se de um conceito e um gênero que têm fundamentos nos escritos de Benjamin (2012) e nas pedagogias progressistas que asseguram registros da vida das crianças (Freinet, 1996; Freire, 1985), sobretudo as de meios populares, e seu direito à palavra (Freire, 2005). É, portanto, uma opção ética, estética e pedagógica para tornar público e visível, como a experiência coletiva é construída, como a narrativa documenta esse tempo da vida humana e se apresenta como recurso para a memória da infância (Silva, 2024, p. 53).

Desse modo, na presente pesquisa, as narrativas do cotidiano se configuram como uma metodologia que permite tornar visíveis as práticas desenvolvidas na jornada diária dos bebês, na busca de “estabelecer uma práxis de comunicação das experiências e do que eles e elas produzem como cultura” (Silva; Almeida, 2024, p. 47). Além disso, as narrativas permitem valorar o vivido, o experienciado na ação pedagógica - construído por meio das dúvidas e certezas, das escolhas, dos caminhos trilhados, das pesquisas realizadas. Ao narrar, somos atravessados pelo outro, pelos seus modos de ser e fazer, num movimento que visibiliza as interações, as relações, o planejamento e a ação docente, ou seja, o currículo ali praticado (Santos, 2024). Portanto, as narrativas legitimam essas vivências, testemunham o vivido e evidenciam a relevância das interações na docência com bebês e crianças. Esse pressuposto dialoga com o pensamento de Richter e Barbosa (2010), pois para elas o currículo narrativo se mostra como uma alternativa potente contra os currículos

[1] Os dados coletados nesta pesquisa são frutos de uma pesquisa de conclusão de curso realizada no âmbito da Especialização em Docência na Educação Infantil, na Universidade do Estado da Bahia – UNEB/Campus XII. A pesquisa foi aprovada pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) Campus XII, com o parecer, nº 6.766.763. As famílias dos bebês autorizaram a pesquisa e as professoras e monitoras da turma assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

transmissivos/higienistas/desenvolvimentistas tão em voga nas décadas de 1980/90. Para as autoras, a narratividade é opção contra hegemônica que tensiona o currículo da creche na busca de evidenciar processos vividos com os bebês e crianças, promovendo uma postura investigativa/colaborativa dos sujeitos envolvidos, revelando processos subjetivos imersos nas realidades sociais/históricas/culturais/territoriais de modo contextual. Logo, mostra-se como uma produção cultural, autoral.

Esse modo de compreender e praticar o currículo nos ensina que os bebês “negam o ofício de aluno”, pois para eles o que importa são os encontros, as relações, o conhecer e aprender sobre o mundo e os códigos humanos, na e com a cultura.

> Assim, as funções específicas da creche, do ponto de vista do conhecimento e da aprendizagem, são favorecer experiências que permitam aos bebês e às crianças pequenas a imersão, cada vez mais complexificadora, em sua sociedade através das práticas sociais de sua cultura, das linguagens que essa cultura produziu, e produz, para interpretar, configurar e compartilhar sensações e sentidos que significam o estar junto no mundo, construindo narrativas em comum.
> Trata-se de um radical desafio à educação de zero a três anos pois exige compreender o currículo não como um plano prévio de ensinar a vida, mas como abertura à experiência de viver junto – bebês, crianças pequenas e adultos professores – as situações contextualizadas em narratividades. [...] Trata-se de um currículo comprometido com escolhas – prudentes, mas também apaixonadas – pelo que efetivamente importa para o significado da vida, para aquilo que torna a vida digna de ser vivida na esfera pública e planetária (Richter e Barbosa, 2010, p. 94).

Assim, por meio das indicações postas acima, empreendemos analisar o currículo praticado numa turma de bebês por meio de *narrativas do cotidiano*, compreendendo-as enquanto uma opção teórico-metodológica que respeita a infância, que produz escuta atenta, que pensa o cotidiano como algo vivo e pulsante, como lugar de relações e aprendizagens em que os bebês as crianças constroem sentidos e significados, produzindo culturas.

Com o objetivo de compreender as interações professora-bebê e suas implicações no currículo praticado na creche organizamos o texto em cinco seções: A primeira intitulada *O abraço inicial...* tem o propósito de realizar um movimento de aproximação entre a temática e o leitor. A segunda apresenta as *Escolhas metodológicas* e o modo como a pesquisa foi conduzida; A terceira volta-se para discussões sobre as *Especificidades do currículo da creche e da docência com bebês* a partir de uma trama que se tece entre teoria e empiria*;* A quarta tem o propósito de refletir sobre o currículo praticado com bebês, para tanto, se intitula *Currículo praticado com bebês: alguns apontamentos sobre o tema* e a quinta e última seção se despede dizendo que *É chegado o momento do abraço final...* Nela, os bebês e as professoras nos

evidenciam em seus agires como as interações humanas cotidianas evidenciam o currículo que se pratica na creche.

## Escolhas metodológicas

A pesquisa que ora apresentamos se fundamenta nos pressupostos da pesquisa qualitativa (Minayo, 2012, p. 21). Para tanto, realizamos três movimentos metodológicos indissociáveis.

Primeiro, dialogamos com autores/as que discutem currículo na Educação Infantil buscando ampliar nossas lentes de percepção sobre a temática. Nesses encontros teóricos dialogamos com Silva (2024) sobre narrativas do cotidiano, com Santos (2024) sobre currículo praticado, com Ribeiro (2022) sobre cuidado com bebês na Educação Infantil, com Buss-Simão (2019) sobre disponibilidade corporal e emocional na docência com bebês, com Carvalho e Fochi (2017) sobre currículo do cotidiano, com Oliveira Formosinho (2007) sobre Pedagogias da Infância e com Rocha (2001) sobre Pedagogia da Educação Infantil.

Embasadas nos pressupostos defendidos por tais pesquisadores/as, realizamos observação participante numa turma de bebês (Lakatos, Marconi, 2003). Foram 80 horas de observação, divididas em 08 dias letivos, ou seja, observamos a jornada dos bebês em período integral, desde a acolhida (07h30min) até a despedida (17h30min). Durante o período que estávamos em campo, construímos narrativas cotidiano a partir de registros escritos no diário de campo, fotografias e filmagens produzidas na observação participante. As narrativas nos permitiram compreender o currículo praticado com ênfase nas interações professoras-bebês. Ao todo, escolhemos três narrativas, a saber: *Descobrindo o quiabo, Vamos fazer salada juntos? e Eu escolho quem embala meu sono.* O critério de inclusão estabelecido foi o fato de as narrativas apresentarem interações professoras-bebês em momentos específicos da jornada diária da creche. A primeira situação social narrada apresenta um contexto de experimentação de ação livre dos bebês, no qual as professoras com intencionalidade pedagógica organizam-no; a segunda e terceira apresentam contextos de atenção pessoal, um de alimentação e outro de sono (que também evidenciam intencionalidade pedagógica) que nos permitem a reflexão sobre a indissociabilidade entre o cuidar e o educar. A duas narrativas evidenciam que são nas relações cotidianas que os bebês se constituem humanos, “à medida em que são envolvidos em ações de cuidado e vão tomando consciência de suas emoções e demandas pelas possibilidades de agir e contribuir com a constituição do outro” (Ribeiro, 2022, p.30). Portanto, os momentos de cuidado e atenção pessoal (banhos, trocas de fralda, alimentação e sono) compõem o currículo praticado na creche e são elementos centrais na docência com bebês.

O lócus da pesquisa é uma Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI) da cidade de Guanambi-BA que possuía, no ano de 2024, 198 crianças matriculadas (incluindo os bebês). A instituição é uma unidade do *ProInfância*[2], tipo B, inaugurada no ano de 2016. Atualmente, atende os bebês e as crianças da creche[3] em turno integral, numa jornada de 10h diárias.

Ali, realizamos a pesquisa no agrupamento do primeiro período. A turma era composta por três professoras referências e duas monitoras, sendo uma assistente de uma bebê com deficiência, e a outra monitora. A turma possuía 16 bebês, sendo 8 meninas e 8 meninos, com faixa etária entre 12 e 48 meses de vida.

## Especificidades do currículo da creche e da docência com bebês

Sabemos que a Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica, destinada a crianças de 0 a 5 anos de idade, é um direito social firmado na Constituição Federal, desde 1988. Os documentos curriculares dessa etapa, a exemplo das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil - DCNEI (Brasil, 2010) apresentam pressupostos e orientações para um trabalho pedagógico que assegurem práticas voltadas ao processo de aprendizagem e desenvolvimento dos bebês e das crianças a partir do eixo estruturante das interações e brincadeira, sem antecipação aos conteúdos e métodos do Ensino Fundamental. vista desse documento curricular[4], os docentes que atuam em creches e pré-escolas são orientados a organizar a ação pedagógica a partir das especificidades dos bebês, crianças bem pequenas e crianças pequenas. Logo, isso requer a capacidade de acolher os interesses e as necessidades dos pequenos para, a partir disso, sustentar esses interesses e ampliar seus saberes pelo viés metodológico da ludicidade, da investigação do mundo, do contato com diferentes artefatos culturais, utilizando múltiplas linguagens.

Quando voltamos nossa lente de percepção para os bebês, percebemos que a ação pedagógica com os recém-chegados ao mundo é permeada de singularidades. Ser docente de bebês requer a compreensão de que eles “se comunicam com o corpo e as emoções, sendo que essas dimensões se entrelaçam, pois, são dimensões que perpassam por relações com o outro” (Buss-Simão, 2019, p. 2). Logo, é uma docência permeada de *interações* e são essas interações que mobilizam o currículo praticado (Santos, 2024) com esses sujeitos sociais. A narrativa do cotidiano *Descobrindo o quiabo* revela bem essa compreensão de docência.

[2] Sobre o ProInfância consultar: http://portal.mec.gov.br/proinfancia
[3] Para as crianças que frequentam a pré-escola (4º e 5º períodos) o atendimento era parcial.
[4] E de outros documentos, a exemplo da Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2017). Sobre uma análise aprofundada das questões referentes a esse currículo, consultar a obra de Santos (2023).

As Diretrizes acima supracitadas conceituam o currículo da Educação Infantil enquanto um conjunto de práticas que devem articular os saberes das crianças com os conhecimentos produzidos pela humanidade (Brasil, 2009). Logo, o trabalho pedagógico nessa etapa não cabe em cartilhas, em manuais e nem em planejamentos previamente estabelecidos que desconsideram os saberes, as necessidades e as experiências dos bebês das crianças.

Fundamentadas nesse entendimento, compreendemos que o trabalho pedagógico em escolas de infância deve ser um trabalho autoral, tanto das professoras, quanto dos/as pequenos/as, pois são elas/es que darão o tom, o ritmo e o tema dessa jornada. Assim, esse fazer docente autoral possibilita a ruptura com velhos modos de se fazer docência, em favor de novas possiblidades de gestar a prática pedagógica (Freire, 2005). À vista desse entendimento, no campo das Pedagogias da Infância (Oliveira Formosinho, 2006), os/as pesquisadores/as vêm, ao longo dos anos, defendendo a importância de os professores gestarem uma prática pedagógica fundada nos princípios da *práxis,* num movimento circular de ação/reflexão/ação.

Rocha (2001) argumenta que a Pedagogia da Educação Infantil não tem como objeto a situação educativa, como organização, estruturas e práticas, mas “as próprias crianças, seus processos de constituição como seres humanos em diferentes contextos sociais, sua cultura, suas capacidades intelectuais, criativas, estéticas, expressivas e emocionais” (Rocha, 2001, p. 28). Logo, esse caminho produz um fazer pedagógico no qual é possível vislumbrar que existem outros e novos modos de ser, estar e interagir com os bebês e as crianças. Por isso, precisamos garantir aos pequenos vivências, experiências, explorações de e com diferentes artefatos culturais.

A narrativa do cotidiano *Descobrindo o quiabo* dialoga com esse pressuposto. Ali, é possível perceber um trabalho voltado para um “currículo emergente [...] constituído das experiências cotidianas” (Guanambi, 2020, p.100). Os artefatos culturais utilizados nessa experiência estão presentes nas práticas de alimentação cotidiana dos bebês, ou seja, estão presentes no cardápio alimentar da EMEI. Portanto, os conteúdos da ação pedagógica emergem dessa leitura da realidade, do contexto e das necessidades sociais dos bebês e outras crianças (Silva, Almeida, 2024, p. 84).

Nela, percebemos que os bebês são incentivados à exploração, ao descobrimento sensorial de novas texturas e que as professoras, de modo respeitoso, não intervêm. Outro ponto importante, refere-se ao fato de que as docentes planejaram os contextos para observarem o livre agir dos bebês. Logo elas tinham hipóteses do que poderia acontecer e os observaram atentamente, buscando responder às questões presentes no planejamento. Ou seja, elas queriam conhecer mais e melhor sobre os bebês. Essas observações realizadas pelas professoras no

momento do contexto de experiência compõe a documentação pedagógica que sustentou os próximos planejamentos. Portanto, percebemos que se trata de uma docência baseada nos pressupostos das Pedagogias da Infância.

Carvalho e Fochi (2017) nos ajudam a entender que para ser docente de bebês é necessário se ater atentamente para os espaços, as relações, as temporalidades, as materialidades disponíveis nas instituições, pois os bebês são exploradores natos, eles precisam viver com liberdade, eles precisam participar. Desse modo, essa é uma docência que deve se pautar no campo da interação e da linguagem sensorial, pois estes campos mobilizam as descobertas, uma vez que os bebês descobrem o mundo a partir da interação e do contato com sabores, texturas, temperaturas, gostos, cheiros e sons das materialidades e brinquedos a eles disponibilizados.

À vista disso, tomamos nesse estudo, a concepção de bebê como “um ser humano que instaura e atualiza o mundo como lugar do novo, do conhecido contra o qual esse novo é confrontado e do desconhecido a ser explorado, conquistado, apropriado, transformado.” (Silva, 2021, p. 49). Ou seja, a docência com bebês deve ser realizada tendo como premissa a observação e a documentação das miudezas do cotidiano, pois é no cotidiano que é produzido e habita o currículo praticado.

Cada sorriso, balbucio, expressão, gesto e movimento é uma forma significante de demonstrar o que já se sabe, o que ainda é desafio e o que pode ser descoberto. Estas observações possibilitam orientar o planejamento.

Sabemos que, ao longo dos anos, ocorreram mudanças culturais significativas de concepções acerca dos bebês, das crianças e da infância que modificaram o modo como a sociedade compreende esses seres sociais e, não por acaso, essas mudanças impactaram positivamente no contexto educativo. Se antes os bebês e crianças eram compreendidos como adultos em miniaturas, hoje são concebidos como sujeitos sociais completos, que produzem e reproduzem culturas com adultos e com seus grupos de pares (Silva, 2024). Assim, com base nos teóricos das Pedagogias da Infância, têm-se, atualmente, a definição de bebê/criança como

> imagem de unidade e inteireza, em que outras imagens estão fundidas como imaturidade e potencialidade; de que sua imagem deve ser uma declaração pública e competente; de que as crianças desde que nascem se espantam com o mundo a descobrir e o interpelam de diversas formas com o apoio da presença do Outro e são, igualmente, interpeladas por ele (Silva, 2021, p. 47).

Ao nos apoiar nessas concepções e definições, compreendemos a potencialidade dos atos de cuidado para com os bebês, pois “sua dependência absoluta no começo da vida é a primeira singularidade da constituição desse humano, que agrega valor à interação social como pilar das práticas culturais.” (Silva, 2021, p. 49). Portanto, o modo como apresentamos o mundo

ao bebê interfere no modo como ele/a atribui sentidos e significados a esse mundo. Logo, o corpo que cuida e educa deve ser, essencialmente, acolhedor e carinhoso.

A narrativa apresentada evidencia como o cuidado está presente naquele momento. As professoras observam as necessidades dos bebês, acolhem essas necessidades e planejam contextos de experiências para apresentar-lhes o quiabo. Durante o contexto, elas conversam com eles, se posicionam próximo, não intervém nas suas brincadeiras, mas estimula-os a descobrirem por si mesmos. Assim, percebemos que o cuidado perpassa toda a ação docente. Observar, acolher, manter-se próximo, respeitar, estimular são ações de cuidado que, na interação com o outro, educa-o. O que evidencia e fortalece o pressuposto de que o cuidar é um ato central constitutivo dessa docência (Silva, 2021).

Márcia Buss-Simão amplia os saberes sobre a docência com bebês ao buscar compreender a composição das relações educativas demarcadas pelo corpo na docência com bebês. Em sua pesquisa, a autora evidencia que “as ações corporais das professoras em acalentar e acalmar se revelam como um ato responsivo, como ato resposta aos anseios dos bebês que vai contribuindo para a sua constituição” (Buss-Simão, 2019, p. 3). Logo, é uma docência pautada numa sintonia de afetos, em que as emoções de um afetam o outro. Acolher o choro, os sinais de sono, de sede, de fome, de satisfação/insatisfação, de querer ou não determinado alimento, etc., demarcam especificidades dessa docência. Então, faz-se necessário estar disponível corporal e emocionalmente para os bebês, pois eles são emoção, interação, contato.

Para além dessas contribuições, Ribeiro (2022) diz que os atos de cuidado dispensado aos bebês se tornam repertórios das brincadeiras e da imitação dos mesmos, portanto, nesse processo, há uma ressignificação do ato de cuidado, elevando-o ao status de lúdico, retornando depois, para a ação, criando a brincadeira. Logo, percebemos que “os bebês constroem sentidos, a partir das vivências com os Outros, em um processo que não é mecânico e nem, tampouco, resulta em cópias da realidade; mas antes são criações coletivas que representam a relevância da construção de campos de sentidos que o coletivo de bebês, professoras e instituição escolar compõem” (Ribeiro, 2022, p. 21).

Portanto, a qualidade das interações estabelecidas entre professoras e bebês nos momentos de cuidado e educação são especificidades basilares para essa docência. O modo como interagimos com o bebê, o modo como organizamos o ambiente para a sua ação, o modo como acolhemos os seus desejos evidenciam o currículo que se pratica no cotidiano da instituição.

Para Santos (2024), na docência com bebês não deve se pensar em um currículo, mas currículos, que serão/são praticados com eles, em suas especificidades. Ou seja, são

microcurrículos que realizam um “trançamento de conhecimentos, saberes, poderes, experiências, relações, subjetividades, espaços-tempos e materialidades experienciados no cotidiano da instituição de Educação Infantil” (Santos, 2024, p. 21).

Com o neologismo “currículo praticado” Santos (2024) evidencia que o currículo está no cotidiano da sala referência e deve ser organizado a partir das práticas e interações vivenciadas naquele coletivo, pois para ela “currículo se torna currículo mediante a ação humana” (Santos, 2024, p. 51).

Desse modo, cabe a nós, professoras de Educação Infantil, voltarmos o nosso olhar para o cotidiano, para o currículo que estamos praticando com os bebês, pois é nesse cotidiano que reside as singularidades e a potência dessa ação pedagógica.

## Currículo praticado com bebês: alguns apontamentos sobre o tema

**VAMOS FAZER SALADA JUNTOS?**

Durante a manhã os bebês brincaram no playground. Ao retornarem para sala referência, foram acolhidos com um contexto de experiência cuja temática era a investigação de folhas para saladas, tais como: repolho, alface, acelga, espinafre, entre outras. Esse contexto foi montado ao fundo da sala, embaixo do espelho. Para tanto, as professoras organizaram o ambiente com uma grande mesa, coberta com toalha e sobre ela dispôs as folhagens, alguns utensílios de cozinha, temperos e talheres. Esse contexto, tinha o objetivo de ampliar as experiências dos bebês com saladas e leguminosas, além de promover uma experiência prazerosa de alimentação.
Em determinado momento, depois dos bebês terem explorados sozinhos as materialidades dispostas em cima da mesa, nós nos aproximamos e sentamos próximos a eles. As professoras, de modo consciente e intencional, pegavam as folhas e comiam, então um outro bebê vendo isto, pegou outra folha e entregou à professora, sugerindo que ela comesse. Nesse momento, todos os presentes deram risadas, pensando em como são perspicazes esses bebês!

**Figura 2 e 3 -** Vamos fazer salada juntos?

**Fonte:** acervo pessoal das pesquisadoras (2024).

Já no almoço, a mesa foi organizada com toalhas e flores. Uma das professoras foi mostrando aos bebês cada folha, uma a uma, cortava-as e adicionava na vasilha. Ao final, pediu a ajuda de alguns que estavam próximos a ela para temperar a salada, adicionando sal, azeite e limão. Após esse momento, todos sentaram à mesa e a docente foi ofertando a salada, uns se serviram colocando um pouco no prato, outros recusaram e os que

recusavam tinham seu desejo acolhido e respeitado. Fiquei profundamente tocada pela cena. Ali presenciei uma relação construída no respeito e no acolhimento dos desejos.
Acervo pessoal das pesquisadoras, maio de 2024.

A narrativa do cotidiano *Vamos fazer salada juntos?* tem a potência de nos evidenciar na prática, o que a pesquisadora Marlene Oliveira Santos nos apresenta na teoria. O currículo praticado vai muito, muito além do currículo prescrito - enquanto documento normativo, preso numa folha de papel. Para a autora “o currículo é o que nós somos e fazemos na escola em cada momento histórico” (2023, p. 54). Assim, inspiradas pela presente narrativa e ancoradas nesse pressuposto teórico, lançamo-nos no desafio de refletir sobre o que acontece nos cotidianos das creches, no encontro entre professoras e bebês. Para início de conversa, traremos alguns apontamentos sobre o currículo da Educação Infantil.

A política educacional brasileira orientadora da Educação Infantil pauta-se em princípios progressistas de educação. Dentre as muitas políticas, citamos as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (DCNEI), homologadas pela resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009, consideradas “basilares para a ação pedagógica e para a elaboração de políticas públicas e diretrizes no âmbito dos Estados, do distrito federal e dos municípios” (Santos, 2024, p. 36).

Como dito anteriormente, as Diretrizes são basilares pois elas definem e conceituam Educação Infantil, criança, infância, currículo, e proposta pedagógica, elencando como premissa do trabalho pedagógico os princípios éticos, políticos e estéticos, como eixos estruturantes as interações e a brincadeira e como dimensões da ação pedagógica os espaços, tempos e materiais (Brasil, 2010).

Diante da importância desse documento, faz-se essencial analisar os apontamentos presentes no mesmo acerca da docência com bebês, observando as orientações para a ação docente, ação essa que deve se guiar pela indissociabilidade do binômio cuidar-educar. Segundo as DCNEI, os currículos das escolas de infância devem compreender a “educação em sua integralidade, entendendo o cuidado como algo indissociável ao processo educativo” (Brasil, 2010, p. 19), tanto na creche, como na pré-escola.

O texto impresso e digital das DCNEI[5] é marcado por muitos registros contendo fotos de bebês, mas não traz, explicitamente, a nomenclatura *bebês.* Tanto nas imagens quanto no texto escrito, há a definição de crianças sujeitos da Educação Infantil aquelas que estão na faixa etária de 0 a 5 anos de idade, o que engloba os bebês, todavia, reiteramos que no texto não encontramos a escrita *ipsis litteris* do termo *bebês*.

[5] Caderno, disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/diretrizescurriculares_2012.pdf

Diante disso, percebemos que o documento não deixa explícito as especificidades da ação docente com os que estão na faixa etária de 0 a 18 meses. Observamos que os bebês são referenciados de forma indireta no tópico “Organização de Espaço, Tempo e Materiais”, no qual diz que se faz necessário “o reconhecimento das especificidades etárias, das singularidades individuais e coletivas das crianças, promovendo interações entre crianças de mesma idade e crianças de diferentes idades” (Brasil, 2010, p. 19) com foco para as interações entre diferentes faixas etárias, todavia, eles não são nominados.

Já no tópico 14, intitulado “Implementação das Diretrizes pelo Ministério da Educação” contém encaminhamentos acerca de futuras ações que devem ser contempladas em orientações curriculares. Dentre esses temas está “As especificidades da ação pedagógica com os bebês”. Com isso, as DCNEI expressam consciência que há uma lacuna sobre a temática no documento.

Na presente pesquisa fez-se necessário ampliarmos nossas lentes de análise para compreendermos também como as DCNEI tratam a temática do currículo. Nelas, conceitualmente, currículo é um

> conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico, de modo a promover o desenvolvimento integral de crianças de 0 a 5 anos de idade (Brasil, 2010, p.14).

Mais uma vez, não conceituam as práticas docentes com bebês ou orientam sobre as especificidades dessa docência.

O texto do Parecer CNE/CEB Nº 20/2009, documento de revisão das DCNEI, destaca que cada escola tem autonomia para organizar suas propostas curriculares considerando suas distintas realidades, portanto não há padrão a ser seguido, ou seja, são as especificidades sociais, culturais e históricas de cada instituição que guiarão a organização dos tempos, espaços, materiais, relações e transições que comporão a jornada diária e anual dos bebês. Ou seja, “é um currículo que abre espaço para o cotidiano, para o inusitado, para o novo, para o questionamento, para a quietude, para a criatividade, imaginação e fantasia” (Santos, 2023, p. 31).

Observamos que no Parecer o termo “bebês” emerge quando relacionado ao cuidado e ao vínculo com as famílias. O tópico 9, intitulado “A organização das experiências de aprendizagem na proposta curricular” apresenta considerações importantes sobre as especificidades curriculares para cuidado e educação de bebês e crianças, apontando que teria diferenças na organização desse currículo. Destaca que,

> as especificidades e os interesses singulares e coletivos **dos bebês** e das crianças das demais faixas etárias devem ser consideradas no planejamento do currículo, vendo a criança em cada momento como uma pessoa inteira na qual os aspectos motores, afetivos, cognitivos e linguísticos integram-se, embora em permanente mudança (Brasil, 2009, p.14 grifo nosso).

Portanto, apesar dos avanços, percebemos que nessa política curricular os bebês ainda permanecem praticamente invisíveis, esquecidos (Santos, 2023).

Além da invisibilidade dos bebês há outras muitas dificuldades na implementação dessas Diretrizes. Segundo Santos (2023), faz-se necessário um trabalho de *tradução* entre o que está estabelecido nas Diretrizes e o cotidiano das instituições, e essa tradução só é possível pela via da formação continuada de professores. “Para as DCNEI chegarem até a escola, ou melhor, até os professores e serem por eles experienciadas com os bebês e suas famílias, requer do poder público a formulação e a execução de políticas públicas de formação de professores alinhadas com o que está proposto nas DCNEI” (Santos, 2023, p. 34). Corroboramos com a autora de que “não se produz currículo sem conhecimento” (p. 48). Ou seja, na falta dessas políticas ainda temos um longo caminho a percorrer.

Assim, para a autora, as DCNEI são,

> [...] um desenho curricular que pode ter outras temáticas acrescidas de acordo com as singularidades de cada região, município, escola e grupo de crianças As DCNEI, por si só, não são o currículo da Educação Infantil, mas elas apresentam concepções (criança, currículo, proposta pedagógica, professor) basilares para a ação pedagógica e para a elaboração de políticas públicas e diretrizes no âmbito dos Estados, do distrito federal e dos municípios, bem como a elaboração de desenhos de propostas pedagógicas e curriculares das escolas de Educação Infantil (Santos, 2023, p. 35).

Após a promulgação, no ano de 2017, da Base Nacional Comum Curricular – BNCC, os municípios brasileiros foram orientados para a construção das suas propostas curriculares. Desse modo, no âmbito local, foi aprovada no ano de 2020, a Base Municipal Curricular de Guanambi - BMCG[6].

A parte II da BMCG é destinada à Educação Infantil e se intitula “O currículo da Educação Infantil”. Esta seção conceitua teoricamente os bebês, incluindo-os nas discussões. Desse modo, percebemos que o documento avança com relação aos conceitos presentes na DCNEI e acolhe o que esse documento propõe ao indicar a necessidade dessa discussão em documentos vindouros.

O tópico 3.3 da BMCG, intitulado “A pedagogia da participação e o papel do(a) professor(a)” afirma que “construir um currículo com arranjo em campos de experiência de

[6] No âmbito nacional, foi aprovada em 2017 a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/

bebês e crianças é um desafio à construção de Pedagogias participativas que comecem com os bebês, as crianças e suas famílias.” (Guanambi, 2020, p. 95) Portanto, o documento reconhece o desafio que está posto e as potencialidades advindas das Pedagogias Participativas, *na docência com bebês* e crianças. Para tanto, faz-se necessário praticar um currículo que promova interfaces entre três vertentes indissociáveis: trabalhar coletivamente (professor/a, escola, família), escutar/acolher os interesses dos bebês e das crianças para, com eles, promover experiências significativas.

A seção seguinte, denominada “O currículo vivido e o emergente na Educação Infantil” apresenta a concepção do que seria esse currículo e modos para sua construção.

> A concepção, então, de um currículo emergente, ou seja, construído com as crianças, envolve a ideia de planejamento como um método de trabalho que estabelece objetivos gerais para a turma e, com base nas experiências, necessidades e curiosidades das crianças, incluem novos objetivos, replaneja as ações. Esse movimento pode ser organizado em projetos flexíveis que possibilitem ampliar os saberes construídos (Guanambi, 2020, p. 98).

No texto escrito, documentado, está posto que a BMCG se inspirou nos pressupostos das DCNEI, dessa maneira, dialoga conceitualmente com os princípios e orientações presentes na política pública nacional.

Todavia, como nos alerta Santos[7] “currículo escrito sem ação humana é sinônimo de letra presa ao papel. É a ação dos sujeitos da escola que dá sentido ao currículo e que faz o currículo ser currículo.” Logo, mesmo que exista um documento curricular municipal que oriente o trabalho pedagógico em toda a rede, são as docentes e os bebês, em cada agrupamento, que estão produzindo currículos. Portanto, continua a autora “É por isso que narrar o acontecido no cotidiano da escola põe em evidência a vida, a alegria, o encantamento, a ética, a estética e o conhecimento presentes nos currículos praticados pelos sujeitos que frequentam a escola e passam a maior parte de seu tempo nesse espaço” (Santos, 2023, p. 41). Daí a importância de visibilizar o cotidiano, de construir um currículo com identidade narrativa que ponha em evidência os praticantes desse currículo, evidenciando-os enquanto sujeitos autorais. Os currículos só existem com a ação humana nos contextos institucionais de educação.

> Toda história narrada, tornada pública, pode trazer o inédito para dentro do currículo, bem como a denúncia e a legitimação de práticas pedagógicas democráticas. [...] Deixar o sujeito fora da escola é excluir do currículo as histórias, as culturas, os modos de ser e de estar no mundo de diferentes grupos humanos. Ressalto, aqui, que os bebês integram esse grupo de sujeitos excluídos da escola (Santos, 2023, p. 43).

[7] Santos (2023) elenca três aspectos a serem considerados sobre currículos praticados com bebês: Primeiro, currículo prescritivo não é currículo, é apenas prescrição; segundo o currículo da Educação Infantil precisa ter identidade narrativa e, terceiro, o currículo precisa ser produzido no cotidiano e na vida cotidiana da escola.

Esse pressuposto dialoga com o conceito de narrativas do cotidiano da Educação Infantil criado e defendido por Silva (2024). Segundo a autora,

> Uma das razões para registrar e construir uma narrativa daquilo que bebês e outras crianças fazem, dizem e vivem na escola tem a ver com a possibilidade de estabelecer uma práxis de comunicação das experiências e do que eles e elas produzem como cultura. Este ato pedagógico é, ao mesmo tempo, político em um contexto em que as relações cotidianas estão, cada vez mais, baseadas em um modelo consumista e utilitário de comunicação (2024, p. 47).

Para ambas as autoras supracitadas, narrar o cotidiano da Educação Infantil é um ato desobediente e teimoso porque vai na contramão das políticas neoliberais que, historicamente, tem sucateado a educação pública brasileira. Portanto, visibilizar o currículo praticado com bebês, nas interações humanas que se dão no cotidiano das instituições a partir de narrativas do cotidiano “é um modo de construir uma memória da infância das crianças, ao mesmo tempo em que construímos memórias das pedagogias da Educação Infantil” (Silva, 2023, p. 52).

Segundo Santos (2023), muito mais do que um documento curricular prescrito, *uma palavra escrita chamada de currículo*, o currículo praticado com bebês, além de possuir uma identidade narrativa, precisa também ser produzido a partir e pela vida cotidiana. São nos temas do cotidiano, nas experiências, saberes e desejos dos bebês e crianças, são nos *tesouros* que eles trazem em suas mochilas que encontramos *o conteúdo* da ação pedagógica a ser desenvolvida com esses sujeitos sociais. Assim sendo, “o currículo não se restringe ao cotidiano, mas é nele que seu desenho ganha sentido, interfere no destino de quem está na escola e serve de parâmetro para tomada de decisões no âmbito das políticas públicas em nível local e nacional.” (Santos, 2023, p. 51).

A narrativa acima, descreve, em detalhes, essa rede de interações que acontecem entre professoras, bebês e materialidades. Com intencionalidade pedagógica e conscientes de suas ações, as professoras trazem os conteúdos do cotidiano para dentro do currículo, praticando-o com os bebês. No fragmento da narrativa *“as professoras, de modo consciente e intencional, pegavam as folhas e comiam, então um outro bebê vendo isto, pegou outra folha e entregou à professora, sugerindo que ela comesse”* evidencia que, por mais que se prescreva o currículo, seja em âmbito federal, estadual ou local, são as interações estabelecidas entre professoras e bebês, cotidianamente, que revelam os muitos currículos praticados.

> A pretensão de se ter um currículo universal pode ser necessária para justificar uma ação do Estado, mas é inútil do ponto de vista do controle pretendido por esse Estado em relação à escola, pois o que se tem são diferentes currículos tecidos mediante a ação humana e as relações humanas em cada escola e em cada grupo de crianças (Santos, 2023, p. 54).

A narrativa *Vamos comer salada juntos?* detalha gestos, movimentos, ações e reações das professoras e dos/as bebês. Com isso, é possível compreender a singularidade da ação pedagógica, das relações construídas e dos impactos disso nesse cotidiano, consequentemente, nesse currículo.

Portanto, ao acolher as necessidades e interesses dos bebês e sustentar isso no currículo, ao planejar um contexto de experiência com cuidado e zelo estético, trazendo o conteúdo cultural de um restaurante/cozinha para a sala referência, ao se sentar na altura dos bebês, ao incentivá-los a experimentar, ao respeitar seus desejos, ao convidá-los à participação, percebemos que o currículo que se pratica nesse agrupamento de bebês é um currículo que se sustenta nos princípios éticos, políticos e estéticos defendidos pela DCNEI (Brasil, 2009), portanto fundado nos princípios da Pedagogia das Infâncias.

Esses fragmentos de realidade aqui narrados dialogam com a tese de Santos (2023) de que o currículo da Educação Infantil precisa ter identidade narrativa e ser produzido no cotidiano e na vida cotidiana. Esse currículo não cabe em prescrições, tampouco, na perspectiva reprodutivista das políticas neoliberais.

## É chegado o momento do abraço final...

***EU ESCOLHO QUEM EMBALA MEU SONO***

Como de costume, os bebês dormem após o almoço. Assim, quando eles voltam do refeitório, o contexto do sono já está organizado. Para tanto, as professoras fecham as cortinas, escurecendo o ambiente, reproduzem músicas que acalmam, dispõem os colchonetes com lençóis limpos, cobertas quentinhas e ligam o ar condicionado.

Percebi que os bebês já estão completamente adaptados a essa organização do tempo/espaço e, aos poucos, após o almoço, cada um vai se acomodando no colchonete com sua naninha e seu lençol. Junto a eles, as professoras auxiliam, ninam alguns, dando palmadinhas nos bumbuns, acariciando o cabelo e as costas, enquanto que outros dormem sozinhos.

Na tentativa de auxiliar nesse momento, me deito próximo a Theo (1 ano e 10 meses). Ele havia faltado nos dias anteriores, por conta de uma virose. Theo tenta dormir, se remexe, fecha os olhos, resmunga e, aos poucos, faz uma expressão de choro. Assim, atenta, pergunto às professoras

*- O que foi? Será que fiz algo?*

E a monitora da sala responde:

*- Não é isso. É por que normalmente sou eu que coloco ele para dormir. Vem, troca comigo.*

Depois de alguns minutos ele dorme como num passe de mágica. Nesse dia, aprendi que o vínculo afetivo construído entre bebês e adultos é um dos elementos mais importantes do currículo da creche. O cuidado e a amorosidade que perpassam essa atuação profissional proporcionam segurança e conforto aos seres humanos recém chegados ao mundo e isso é algo grandioso. Isso é o currículo sendo praticado na indissociabilidade entre cuidar e educar.

Acervo pessoal das pesquisadoras, maio de 2024.

Iniciamos o texto narrando o nosso encontro inicial com os bebês e com eles vamos nos dirigindo ao abraço final. Mas antes, gostaríamos de tecer algumas considerações.

Como dito anteriormente, para Santos (2024), narrar o currículo traz para dentro de si o inédito, denunciando práticas adultocêntricas ou legitimando práticas democráticas. A situação social descrita pela narrativa do cotidiano *Eu escolho quem embala meu sono* torna público o currículo praticado numa turma de bebês de uma EMEI do município de Guanambi/Ba e legitima a ação docente desenvolvida por essas profissionais com esses seres de pouca idade.

Nela, somos convidados a olhar com sensibilidade para a potência do cuidado em todos os momentos da jornada, em especial, nos momentos de atenção pessoal, pois, por vezes, há uma indiferença no planejamento de contextos de cuidado e atenção pessoal e uma supervalorização de contextos voltados para o controle do corpo dos bebês, dos seus agires, separando o binômio cuidar/educar, divorciando-os. Todavia, faz-se necessário romper com essa lógica de que os momentos da vida cotidiana não são educativos, pois neles acontecem aprendizagens de maior valor. Olhemos para Theo, ele nos ensina isso.

Ao analisar os gestos das professoras e as linguagens corporais dos bebês e a atenção nas ações dessas profissionais descritas pela narrativa do cotidiano fica evidente o quanto as docentes precisam estar disponíveis ao envolvimento, ao aconchego, ao contato físico. Ou seja, precisam estar disponíveis corporal e emocionalmente. Na atuação docente, as relações professoras-bebês ali construídas evidenciam que “as manifestações emocionais afetam o outro. Tanto a professora como o bebê e, essa sintonia de afetos que contagia o outro é um componente da docência.” (Buss-Simão, 2019, p. 3).

No decorrer da pesquisa, foi possível compreender, a partir das narrativas do cotidiano, as ações que compõem o currículo praticado numa turma de bebês. Coadunamos com o pensamento de Santos quando ela diz que “narrar o acontecido no cotidiano da escola põe em evidência a vida, a alegria, o encantamento, a ética, a estética e o conhecimento presentes nos currículos praticados pelos sujeitos que frequentam a escola e passam a maior parte de seu tempo nesse espaço” (Santos, 2024, p.42). Currículo esse construído no chão da escola, no dia a dia de bebês e professoras.

Aqui, no presente texto, tínhamos o objetivo de compreender as interações professora-bebê e suas implicações no currículo praticado na creche. Assim, ao realizarmos o movimento dialógico entre teoria e empiria compreendemos que muitos microcurrículos estão sendo praticados (Santos, 2024). Não existe *um currículo*, mas currículos. Cada escola constrói o seu, cada turma também. A pesquisa revelou que numa turma de bebês esse currículo se constrói no afeto, na disponibilidade corporal e emocional, no acalanto, no corpo que acolhe e é acolhido, nos sorrisos, colos, abraços, beijos e olhares, nas brincadeiras, no cuidado como a ação pedagógica é organizada, no planejamento de contextos de experiência e nos momentos de

atenção pessoal. Portanto, “é a ação dos sujeitos da escola que dá sentido ao currículo e que faz o currículo ser currículo” (Santos, 2024, p.42).

Com essas reflexões finalizamos dizendo que tão importante quanto praticar currículos democráticos e participativos, é visibilizá-los, é narrar as interações que se dão entre professoras e bebês nessa incrível, intensa e longa jornada, pois como nos diz Loris Malaguzzi "o que não é visto, não existe."

## Referências


BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** Tradução: Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil** / Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. **PARECER CNE /CEB n. 20/2009 de 11 de novembro de 2009.** Brasília. 2009.

BUSS-SIMÃO, Márcia. **Docência com bebês:** o corpo da professora que acalma, acalenta e serena. ANPED: 39ª reunião, 2019. Disponível em: < http://39.reuniao.anped.org.br/wp-content/uploads/sites/3/trabalhos/4805-TEXTO_PROPOSTA_COMPLETO.pdf> Acesso em: 15 de junho 2024.

CARVALHO, Rodrigo Saballa de; FOCHI, Paulo Sergio (org.). **Pedagogia do cotidiano na (e da) educação infantil.** Em Aberto, Brasília, DF, v. 30, n. 100, p. 15-19, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GUANAMBI, **Base Municipal Curricular de Guanambi.** 2020.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. In: DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Orgs.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 31. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. Cap. 1, p. 9 - 29.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia. Pedagogia(s) da infância: reconstruindo uma práxis de participação. In: OLIVEIRA-FORMOSINHO, J.; KISHIMOTO, T. M.; PINAZZA, M. A. **Pedagogia(s) da infância**. Dialogando com o passado. Construindo o futuro. Porto Alegre: Artmed, 2007. p. 13-36.

RIBEIRO, Larissa Monique de Souza Almeida. **Processos de imitação das ações de cuidado pelos bebês na Educação Infantil.** Tese-doutorado. Universidade Federal de Minas Gerais: Belo Horizonte, 2022.

RICHTER, Sandra Regina Simonis; BARBOSA, Maria Carmem Silveira. Os bebês interrogam o currículo: as múltiplas linguagens na creche. **Educação**, v. 1, n. 1, p. 85–96, 2010. DOI: 10.5902/198464441605. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/reveducacao/article/view/1605. Acesso em: 20 ago. 2025.

ROCHA, Eloisa Acires C. **Educação Infantil (1983-1996)**. Brasília: MEC/INEP/COMPED, 2001.

SANTOS, Marlene Oliveira dos. **Currículos praticados com bebês:** Professoras com a palavra. São Paulo: Pimenta Cultural, 2024.

SILVA, Elenice de Brito Teixeira e. ALMEIDA, Larissa Monique de Souza. [Orgs.] **Círculos de Culturas da Infância:** narrativas do cotidiano da Educação Infantil. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024.

SILVA, Elenice de Brito Teixeira e. **Atos de criação:** as origens culturais das brincadeiras dos bebês. Tese-doutorado. Universidade Federal de Minhas Gerais: Belo Horizonte, 2021.